

Apresentação

Kathrin Rosenfield

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Lawrence Flores Pereira

Universidade Federal de Santa Maria

A apresentação desse quinto número da Revista *Philia&filia* é um prazer particular, tanto pela qualidade, como pela variedade e a quantidade das contribuições que recebemos. São nada menos que treze artigos sobre os mais variados temas literários, filosóficos e culturais que reunimos no presente volume. Os tópicos recortam o cerne da proposta da nossa revista, colocando as reflexões crítico-literárias na interface com perguntas filosóficas e artísticas.

258

O tema proposto e o acaso cooperaram para criar a feliz convergência implícita entre artigos tão distintos quanto o de Chartier, Berensmayer e Villas Bôas que retratam sob ângulos diversos o surgimento do leitor como instância de recepção curiosa e crítica. Chartier fala da formação do público leitor que se cristaliza ao longo do século dezessete em torno da atitude interrogativa (este era então o sentido da palavra curiosidade), a análise de Berensmayer contribui um valioso capítulo a respeito da teoria literária que Thomas Hobbes discute com o dramaturgo Davenant, e a análise de Luciana Villas Boas trata da curiosidade de Montaigne nas anotações quase etnográficas sobre a Reforma que o autor confia ao seu diário.

Apresentação

Kathrin
Holzermayr
Lerrer
Rosenfield
&
Lawrence
Flores Pereira

Outro aspecto da recepção aflora nos artigos de Forestier, Galindo e Tavares sobre o foco e o horizonte de expectativa que leitores de épocas posteriores introduzem na literatura renascentista – quando esse horizonte não é anulado pela falta de correspondências criativas, críticas e histórias (como é o caso na cultura Brasileira, que não dispõe de tradições paralelas às dos séculos XVI e XVII).

Forestier questiona o foco que os séculos XX e XXI colocaram sobre a violência extrema de certas tragédias do século dezessete, e sugere que a recepção talvez introduza

assim pretextos que não justificam necessariamente a tese de um verdadeiro deslocamento do gênero trágico do Renascimento; Caetano Galindo reflete sobre os desconfortos do tradutor brasileiro que não encontra na sua língua um registro que permita expressar com naturalidade os pastiches joyceanos a respeito da literatura inglesa dos séculos XVI e XVII; enquanto Enéias Tavares apresenta a questão da recepção sob o prisma da releitura iconográfica à qual um poeta-gravurista como Blake submete à obra de Milton.

Tarsilla Couto de Brito mostra na peça, supostamente didática e educativa, *As Aventuras de Telêmaco* de Fenelon algo mais que correspondências alegóricas. De forma similar, Ana Cláudia Romano Ribeiro analisa na obra *L'isle des hermaphrodites*, o gênero literário ao qual a obra pertence: utopia, relato de viagem ou sátira. A autora realça o predomínio da sátira na obra, especialmente nas cenas em que o hermafrodita que figura dissimuladora, o que representaria uma figuração alegórica na obra.

Paula Schild Mascarenhas realça o papel de contestação inscrita na tragédia *Le Cid*. Para a autora, o problema do desejo articula-se como um via que sugeria problemas mais amplos como o inconformismo e a resistência. Por isso, a protagonista Chimène é percebida como símbolo do embate a arte dita livre e a censura. Na *Querelle du Cid* é notável os aspectos da recepção que modificou profundamente concepções éticas e estética do drama francês.

Luciana Villas Bôas apresenta uma leitura do *Diário de Viagem* de Montaigne à luz de uma possível etnografia da Reforma em contraste com modelos seculares e religiosos dos relatos de viagem da época, como também estabelece a relação entre etnografia e autorretrato. Raphael Manhães Martins analisa em *Robinson Crusoe* de Defoe a visão do mundo que cria o imaginário jurídico do Direito do Proprietário. Através do “olhar subjetivo” de Crusoe o autor identifica a cosmovisão subjacente ao nomos proprietário do século XVII.

A análise de Marcus de Martini foca-se sobre a questão da permanência do espírito profético na obra de Padre Antônio Vieira, que defendia a veracidade das profecias de Bandarra sobre a revelação profética. Marcus de Martini nota uma dissonância entre a política inquisitorial da Igreja Católica ao tema do espírito profético e as práticas inquisitoriais nos séculos XVI e XVII. A obra de Vieira está na contramão do problema da revelação profética definidas nos Concílios de Latrão e Trento. Gustavo

Bragança analisa a relações entre o mito profético messiânico de Dom Sebastião na obra de Fernando Pessoa. Em sentido similar à proposta de Marcus de Martini, Bragança analisa a revelação profética na obra de Bandarra, que se disseminou nas concepções do mito messiânico de Dom Sebastião de Portugal.

Carlos Ludwig analisa relações entre ambição e consciência na obra de Shakespeare e as figurações da consciência, fantasia, imaginação na obra de Montaigne. O autor procura elucidar tais problemas através do contraponto entre as observações do ensaísta francês e das figurações poéticas e imagísticas na obra de Shakespeare. Especialmente no caso da consciência, a estrutura superegoica das Eras Tudor e Elisabetana determinam a consciência, provocando sentimentos ambíguos na decisão moral e ética do indivíduo. Nota-se que, muito embora a consciência seja negada em **Macbeth**, ela ressurge como um espasmo nas expressões corporais das personagens, quase como um espasmo alucinatório.